

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

**A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS SOB O MODO DE
PRODUÇÃO CAPITALISTA: IMPLICAÇÕES DA VERTENTE MARXISTA**

Cristiana Flávia dos Santos Cordeiro Chamorro

UEL - cristianafscordeiro1993@gmail.com

Ingrid de Cássia Rodrigues Selegrin

UEL - ingridselegrin2014@gmail.com

Lorena Mariane Santos Rissi

UEL - lorenapeduel@gmail.com

Eixo 8: Educação e Política

Resumo

O presente artigo tem como objetivo compreender a influência das relações sociais no modo de produção capitalista para uma educação fragmentada voltada à formação de trabalhadores adequados às exigências do mercado em detrimento de uma formação integral. Desde sua origem aos nossos dias, o homem se constitui por meio do trabalho, mediante um processo dialético permeado por avanços e recuos, produzindo os seus viveres para a manutenção da vida. Nesse processo, sob o modo de produção capitalista, o homem se constitui pelas suas relações sociais a partir do modo pelo qual organiza sua produção. Procuramos entender de qual forma as relações sociais sob o modo de produção capitalista têm contribuído para uma educação fragmentada, que visa à formação da classe trabalhadora para o mercado em detrimento de uma formação integral. Para tal, o procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica com vistas a uma análise fundamentada nos pressupostos materialista histórico dialético de forma a conhecer a totalidade sócio-histórica do objeto de pesquisa proposto.

Palavras-chave: Capitalismo. Relações sociais. Educação fragmentada.

Introdução

Desde sua origem aos nossos dias, o homem se constitui por meio do trabalho, mediante um processo dialético permeado por avanços e recuos, produzindo os seus viveres para a manutenção de sua vida. Nesse processo, o homem norteia suas relações sociais a partir do modo pelo qual organiza sua produção. Conforme exposto por Marx; Engels (2005) destacam-se diferentes formas de organizações do homem em sociedade na produção dos mecanismos de sua subsistência, partindo das comunidades tribais até culminar na sociedade capitalista.

O modo de produção capitalista tem como especificidade a fragmentação do trabalho, ou seja, dividido entre material e intelectual em decorrência da divisão entre as classes trabalhadora e dominante. Esta se

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

apropriada da produção do trabalhador causando um estranhamento entre o sujeito que produz e sua criação, entre outras palavras, o trabalho torna-se alienado. Não somente o trabalho se apresenta dessa forma, mas as relações sociais se manifestam como coisificadas à medida que os produtos são transformados em mercadorias, cuja característica reside numa forma naturalizada e com autonomia em relação ao criador. Essas relações não se limitam ao trabalho, mas a partir desse vêm influenciando as demais relações sociais, como a escola que tem sua função social transformada, a fim de manter o capital mediante sua acumulação. Considerando esses aspectos, a problemática que direciona o estudo é: de qual forma as relações sociais sob o modo de produção capitalista contribuem para uma educação fragmentada, que visa à formação da classe trabalhadora para o mercado em detrimento de uma formação integral?

Diante de tal problema, o objetivo que se delineia é a compreensão da influência das relações sociais no modo de produção capitalista para uma educação fragmentada voltada à formação de trabalhadores adequados às exigências do mercado em detrimento de uma formação integral.

O presente estudo será desenvolvido com base na perspectiva materialista histórico-dialética, pela sua interpretação da realidade, que “[...] reconhece a ciência como produto da história, da ação do próprio homem, que está inserido no movimento das formações sociais.” (SOUSA, 2014, p. 2). Para isso, utiliza a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa, visto que ela “[...] implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA e MIOTO, 2007, p. 38).

Referencial Teórico

No modo de produção capitalista, a atividade base pela qual o homem se desenvolve e cria determinadas relações sociais, a saber, o trabalho adquire uma nova forma - uma vez que, de atividade prazerosa em que ocorre o desenvolvimento do homem - é transformado em um fardo por meio do qual ocorre a exploração do homem contra o seu semelhante. Esse fenômeno é

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

ocasionado em decorrência da expropriação pela classe dominante dos instrumentos de produção e da força de trabalho da classe trabalhadora, modificando a relação do homem com seus produtos, os quais não mais lhe pertencem, tornando-se dele independente, alienado.

O capitalismo, a fim de se manter como modo de produção hegemônico, necessita de reajustes para mascarar as suas falhas. Assim, ocorreu após a crise de 1929 que se caracterizou “[...] devido o número exorbitante de mercadorias superiores ao número de consumidores, ou seja, a oferta era maior que a procura; conseqüentemente, os preços caíram, a produção diminuiu e logo o desemprego aumentou” (RISSI, 2017, p.16). Como forma de conter os traços autodestrutivos do capitalismo, destaca-se a proeminência dos conceitos do keynesianismo cuja defesa consistia na intervenção do Estado na economia. Todavia, a partir da década de 1970, ocorre novamente uma crise do modo de produção capitalista denominada como crise do petróleo, por meio da qual os postulados neoliberais adquiriram notoriedade como ideologia norteadora na redefinição do papel dos Estados. A defesa consistia na diminuição do Estado sobre o mercado, na contenção dos gastos do Estado em relação às políticas sociais e no aumento da taxa de desemprego como maneira de quebrar os sindicatos.

Nesse sentido, cabe destacar a educação como influenciada e influenciadora desse contexto, na qual se constitui como fenômeno de manutenção desse modo de produção ou como promotora da superação desse. Por isso, muito se discute a respeito do papel da educação, e os neoliberais a concebem como mercadoria acessível aqueles que se “esforçam” para comprá-la. Do contrário, os adeptos da vertente marxista, como Saviani (1973) defendem a educação institucionalizada para todos cujo objetivo é transmitir o conhecimento sistematizado de forma a contribuir na formação integral do ser humano. Todavia, a educação que se pretende (a emancipadora) e a que temos, na qual são reproduzidas as desigualdades sociais, não podem ser analisadas e comparadas de forma desconexa ao modo de produção capitalista e suas especificidades, por isso é necessário explicitar o cenário em que se encontra o capitalismo.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Diante de um contexto polarizado entre concepções veementes capitalistas que vão de encontro aos postulados marxistas, a defesa posta no sistema capitalista reside no fato de divulgarem as experiências de ruptura com esse modo de produção como um fracasso, visto que ele se apresenta como um fenômeno natural fadado a perpetuação da humanidade.

Em virtude desses fatos, é necessário esclarecer o problema que culmina na explanação dessa argumentação, como se o sistema capitalista fosse o modo de produção destinado aos homens, sendo impossível de ser superado e depois explanar sobre a importância de uma educação que contemple uma formação em prol do trabalho material e intelectual abrangendo o homem em sua integralidade, em contraposição à educação posta como mercadoria e voltada àqueles que têm a possibilidade em pagar.

Primeiramente, é indispensável explanar os principais conceitos discutidos por Marx, dentre os quais, destaca-se o trabalho, cujo objetivo foi analisar, por meio desse, os mecanismos que possibilitam a transformação do homem escravizado por suas obras alienadas em um ser universal e livre. (MARTINS, 2015). Além do mais, conforme cunhado por Netto (2011), Marx na exposição da análise da sociedade burguesa, na qual buscou compreender a sua origem e desenvolvimento, contribuiu para uma metodologia que possibilita o “[...] conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador” (NETTO, 2011, p. 20). No caso da educação, viabiliza que o pesquisador a conheça em conexão com os determinantes políticos, econômicos e sociais.

Todavia, esse autor sofreu duras críticas, mediante análises simplistas de sua obra, tanto por seus críticos, como por alguns marxistas, conforme menciona Netto (2011, p. 12) onde “[...] as deformações tiveram elaborações dos principais pensadores (Plekhanov e Kaustsky) da Segunda Internacional, organização fundada em 1889 e de grande importância até 1914”.

O que se denomina pensamento marxista começa a ser divulgado por meio da II Internacional por volta de 1889. A concepção

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

inadequada advinda dessas interpretações consistiu no fato da divulgação da teoria fatorialista da história, ou seja:

[...] esta concepção, no fundo marcadamente positivista, tendia na prática política, a legitimar um evolucionismo sócio-político sustentado pela noção da inevitabilidade da transição socialista (já que a dinâmica econômica do capitalismo era fatal, conduzindo-o necessariamente à crise e ao colapso (NETTO, 1981, p.19).

Logo, a compreensão pautava-se na passividade do homem diante da história, sendo o capitalismo um sistema gerador de crises cíclicas que se autodestruiria pela evolução da história rumo ao socialismo.

Em oposição à II Internacional, ganhou notoriedade a concepção marxista vinculada a Lênin, o marxismo-leninismo, e destacou-se por ser “uma ideologia - conjunto de representações cuja funcionalidade é produzir e fornecer um sistema inclusivo de normas que convalida uma determinada estratégia política (de poder)” (NETTO, 1981, p.26-27).

Contudo, tanto o marxismo-leninismo quanto os postulados da II Internacional soçobraram, dentre muitos motivos, considera-se o fato de que deixaram de lado a questão da alienação para compreensão do modo de funcionamento do capitalismo, manutenção e superação. Esse confinamento da concepção de alienação ocorreu, preponderantemente, em decorrência da publicação tardia dos Manuscritos de 1844 publicados em 1932, e dos Elementos fundamentais para a Crítica da Economia política (1857-1858), tornada pública entre 1939-1941. Nestes, Marx desenvolve a sua original teoria da alienação.

Assim, a consciência de alienação é imprescindível para fundamentar a prática social rumo a superação do modo de produção capitalista. Diante do exposto, Vázquez (1977) elucida essa concepção da seguinte maneira: a alienação não é uma característica natural do ser humano e sim inerente a uma determinada condição histórica. Implica “[...] numa relação social em virtude da qual o operário e o não-operário aparecem numa relação antagônica, pois o domínio dos produtos sobre o produtor não faz senão exprimir o domínio do não-operário (capitalista) sobre o trabalhador” (VÁSQUEZ, 1977, p. 436).

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

A alienação resulta do não reconhecimento do produto do trabalho como consequência da atividade humana, pois o trabalhador, expropriado da sua produção, que se manifesta no sistema capitalista como mercadoria e que se apresenta “[...] como uma coisa, dotada de uma autonomia e de um poder próprios, e não só isso como também - segundo Marx - como algo enigmático, misterioso dotado de uma ser sensível e supra-sensível” (MARX, 1844, p. 37-38 *apud* VÁSQUEZ, 1977, p. 445).

As proposições teórico-conceituais acerca do fetichismo em Marx aparecem explicitamente definidas em suas obras a partir de 1857-1858 e, expressivamente, em O Capital. Entretanto, faz-se necessário compreender suas vinculações com a problemática da alienação e como ela relaciona-se com a teoria setorial da positividade capitalista.

Nesse sentido, as proposições acerca do fetichismo vão muito além de compreender uma categoria de análise, visto que é por meio dele que Marx viabiliza os resultados de sua investigação e a exposição do processo de desenvolvimento da produção capitalista (NETTO, 1981).

Assim, para melhor esclarecer como o fetichismo se desvela, é preciso ter em mente que esta categoria só se realiza no interior da sociedade capitalista, pois nela o trabalho apresenta uma dupla objetividade: uma concreta, que produz um produto transformado fisicamente pelo operário e outra abstrata, alheio ao trabalhador, que adota a forma de mercadoria em determinadas condições de sociais da produção e é a forma adotada pelo produto do trabalho em relação com os outros, numa situação de troca (VÁSQUEZ, 1977).

Para Marx, a análise da célula capitalista, a mercadoria, produz ao mesmo tempo, uma duplicidade do trabalho e de seu produto:

A igualdade dos trabalhos humanos fica disfarçada sob a forma de igualdade dos produtos do trabalho como valores; a medida, por meio da duração, do dispêndio da força humana de trabalho toma a forma de quantidade de valor dos produtos do trabalho; finalmente, as relações entre os produtores, nas quais se afirma o caráter social dos seus trabalhos, assumem a forma de relação social entre os produtos do trabalho; finalmente, as relações entre os produtores, nas quais se afirma o caráter social dos seus trabalhos, assumem a forma de relação social entre os produtos do trabalho (MARX, 2016, p. 94).

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Assim, o produto do trabalho concreto pode ser determinado ao operário que o produziu. Por conseguinte, quando esse produto adota a forma de mercadoria, ou seja, é posto em uma relação social de troca, esse produto se transforma em trabalho abstrato, que só tem valor enquanto troca. Nesse sentido, o produto (coisa) objetiva uma relação social; esta relação deveria ocorrer entre seres sociais, mas, nesse caso, manifesta-se objetivada por meio de produtos (coisas).

A essa relação inversa entre os homens e as coisas, em que relações sociais são tomadas como relações factuais e relações entre produtos são tomadas como relações sociais, Marx denomina como fetichismo e esclarece que ele somente assume esse caráter por meio das trocas.

A mercadoria, produto de trabalhos individuais dos homens, mostra-se como se fosse o trabalho social dos homens ao passo que as relações sociais entre eles ocorrem, na verdade, entre os objetos e não entre homens, de modo que essas relações apresentam-se alheias aos indivíduos, escapando de seu controle.

Essa relação, bastante explícita no livro I, é retomada nos livros II e III - organizados postumamente por Engels - não ocorre apenas na relação de troca, mas em todo o movimento da própria sociedade capitalista, produzindo o que, para Marx, é denominado movimento do fetiche. Para o autor, “[...] as inter-relações sociais dos indivíduos assumem uma autoridade superior a eles” e “[...] produz uma potência que escapam a seu controle” (MARX *apud* NETTO, p. 45) e formam a totalidade do trabalho social. No livro II o referido autor explicita:

por que a economia política confunde as várias modalidades do capital, mesmo em seu nível mais alto (Smith, Ricardo), confunde as várias modalidades do capital, resolvendo-as esquematicamente na distinção capital fixo / capital circulante sem, no entanto, alcançar as determinações da relação capital constante / capital variável (determinações logradas primeiramente por Marx e as únicas que permitem desnudar a essência espoliadora da subordinação do trabalho ao capital) (NETTO, 1981, p. 46).

Nessa modalidade, o sistema capitalista atinge o ápice da alienação e fetichismo, pois neste caso, as relações de produção são suprimidas e transformadas numa coisa substantiva e autônoma - já que no

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

capital a juros, dinheiro gera dinheiro $D - D'$, sem intermédio da mercadoria $D - M - D'$ - relacionado ao esquema geral da circulação em que o lucro é resultado da venda.

A questão do fetichismo também acontece na relação trabalho produtivo e trabalho improdutivo, pois na relação capitalista o trabalho vivo é incorporado ao capital e se mostra como força deste e produz lucro ao capitalista, ou seja, aparece como dinheiro; materializado, então, é tratado como coisa.

Ao elaborar sua reflexão acerca da economia política, Marx defronta-se com a questão do fetichismo. O autor parte do princípio de que o trabalhador tanto mais empobrece quanto mais riqueza produz e explica este paradoxo a partir do modo como o trabalho se concretiza nesta sociedade: um trabalho que em sua objetivação aniquila o trabalhador.

É válido esclarecer a dupla objetivação do trabalho na sociedade burguesa que pode se distinguir em atividade prática positiva - do ser genérico consciente - e que é manifestação de vida e em atividade prática negativa, um trabalho que se reduz à lucratividade, à produção de valores de troca, mercadorias. Assim, o trabalhador, ao produzir mercadorias, produz-se a si próprio como mercadoria também e que esta é uma forma histórica do trabalho, o trabalho alienado (NETTO, 1981).

Marx sustenta sua argumentação teórica acerca do trabalho alienado a partir da propriedade privada. Para ele, segundo esclarece Netto:

[...] a partir da derivação do trabalho alienado referido à propriedade privada, Marx garante que é possível expor *todas as categorias* da economia política, das quais, nos *Manuscritos de 1844*, privilegia três: a divisão social do trabalho (expressão político-econômica do caráter social do trabalho alienado), troca e, especialmente, o dinheiro, que se lhe afigura a força alienada da própria sociedade (NETTO, 1981, p. 58, grifo do autor).

A economia política é, portanto, a ciência que estuda o universo social embasado na propriedade privada e no trabalho alienado. Entretanto, a temática da alienação tem suas primeiras aproximações com a questão do fetichismo, que supõe uma teoria alienação.

O que distingue o enfoque da alienação com o fetichismo na análise da economia política é a concretização histórico-social, visto que em

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

seus escritos da maturidade, Marx avança ao esclarecer que “[...] as relações de produção de qualquer sociedade constituem uma totalidade” (MARX *apud* NETTO, 1981, p. 65).

Assim, Marx, ao tecer sua crítica à economia política, considera o homem “[...] como ser social e a práxis como a totalidade das objetivações do ser social, constituída e constituinte, Marx funda a alternativa para situar a alienação como fenômeno e problema prático-social” (NETTO, 1981, p. 60) e critica as bases teóricas de Proudhon, pois, para Marx, Proudhon é a caricatura dos economistas, visto que explica as relações de produção burguesas, mas não como se produzem essas relações, ou seja, o movimento histórico que as concebeu.

Resta-nos conhecer se a teoria da alienação formulada por Marx nas obras de sua juventude permanece na totalidade em sua obra da maturidade, se ela foi dissolvida na teoria do fetichismo ou se esta deve substituir aquela.

Netto (1981, p. 70) adota a posição de que a teoria da alienação apresentada por Marx em Manuscritos de 1844 “[...] não consegue determinar a especificidade das alienações engendradas pela sociedade burguesa”, visto que a organização social no modo de produção capitalista objetiva seres sociais coisificando-os e imprimi às coisas um caráter natural como substantivas e autônomas.

É importante salientar que, “O fetichismo põe, necessariamente, a alienação - *mas fetichismo e alienação não são idênticos.*” (NETTO, 1981, p. 74, grifos do autor), de modo que alienação trata-se da perda da relação entre o produto e o produtor, em que esse passa a ser como algo a parte do trabalhador. Dessa forma, o fetichismo caracteriza-se pelo fato de as mercadorias, dentro do sistema capitalista, ocultarem as relações sociais de exploração do trabalho. De acordo com as ideias de Marx, “o *fetichismo é uma modalidade da alienação.*” (NETTO, 1981, p. 73, grifos do autor). Neste sentido, Netto (1981, p. 75) esclarece que:

O fetichismo *implica* a alienação, realiza uma alienação determinada e não opera compulsoriamente a evicção das formas alienadas mais arcaicas. O que ele instaura, entretanto, é uma forma *nova e inédita* que a alienação adquire na sociedade *burguesa constituída*, assim entendidas as

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

formações econômico-sociais embasadas no modo de produção capitalista dominante, consolidado e desenvolvido (grifos do autor).

Como já destacado, segundo as concepções de Netto (1981), Marx não consegue abordar de maneira mais específica, todos os processos que perpassam pela sociedade burguesa constituída, pois, por exemplo, “[...] não lhe escapa que nem toda forma alienada é uma forma reificada” (p. 75). Por reificação, compreende-se como o ato de transformações das relações e ações humanas em propriedades, ou seja, significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas.

A principal característica histórica da sociedade burguesa constituída é que, “[...] sem cortar com as formas alienadas que vêm das sociedades que a precederam [...], instaura processos alienantes particulares, aqueles postos pelo fetichismo, e que redundam em formas alienadas específicas, as reificadas” (NETTO, 1981, p. 75).

Com base em suas pesquisas e descobertas, Marx identifica a forma mercadoria, que não condiz “[...] apenas a célula *econômica* da sociedade burguesa: é também a matriz que contém e escamoteia a raiz dos processos alienantes que têm curso nesta sociedade” (NETTO, 1981, p. 78, grifos do autor). A forma mercadoria apresenta um contexto histórico, de modo que:

[...] o seu papel histórico-social *não* é o mesmo quando ela começa a derruir as colunas do mundo antigo, [...]. É somente quando a *grande indústria* [...] planetariza, homogeneizando-o segundo seus padrões peculiares, o universo social que a mercadoria se transforma de fato naquela forma e matriz privilegiadas (p. 78, grifos do autor).

Nesse sentido, a análise realizada por Marx em 1844, os conceitos aparecem mais como uma descrição das formas alienadas, visto que aparecem como tentativa de apreensão do porquê da inversão generalizada. Ao formular a crítica da economia política, Marx já apresenta recursos teóricos consistentes para realizar sua análise. Primeiramente, ele vale-se de recursos históricos-concretos e procura esclarecer não apenas a forma de emergência do ser social, mas sua essência.

Para isso, recorre a outros alicerces que se instauram a sociabilidade por meio da organização da produção (trabalho), em um período

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

histórico-social determinados, a prática sócio-humana (práxis), ou seja, faz-se necessário apreender a totalidade do sistema social (Netto, 1981).

A conceituação de fetichismo por Marx após os anos 1857 e 1858 consiste em que “[...] *é através dele que os processos alienantes emergentes na sociedade burguesa constituída têm a peculiaridade de se concretizar em projeções substantivas objetuais* – redundam na *reificação* das relações sociais” (NETTO, 1981, p. 80, grifos do autor). É a partir das formulações marxianas sobre o fetichismo que é possível compreender as manifestações do capitalismo tardio nas relações sócio-culturais.

Nas sociedades de capitalismo avançado, as organizações do capitalismo preenchem todos os espaços, elas transbordam os espaços fabris e da circulação monetária e capturam a subjetividade dos indivíduos de modo a introduzir sua lógica, seja na sociedade macroscópica, mas coloca-se de modo a dominar a vida inteira de quase todos os homens:

Tais processos não envolvem apenas os produtores diretos: penetram e conformam a totalidade das relações de produção social e das relações de produção social e das relações que viabilizam a sua reprodução. Sob o salariato não se encontra mais apenas a classe operária, mas a esmagadora maioria dos homens; a rígida e extrema divisão social do trabalho subordina todas as atividades, “produtivas” e “improdutivas”; a disciplina burocrática transcende o domínio do trabalho para regular a vida inteira de quase todos os homens, do útero à cova. (NETTO, 1981, p. 82)

O poder do capitalismo (e do capitalista) transformou as relações cotidianas alterando as relações econômicas, políticas e sociais e remetem a um fascínio de um conteúdo materializado a partir do espetáculo, das vitrines das grandes lojas e não mais pelo dinheiro, ou pelos metais preciosos. Somente as formulações acerca do fetichismo podem dissolver a aparência de uma naturalidade que não remete à natureza, mas manifesta-se na forma de mercadoria.

Nesta sociedade, o trabalhador não mais identifica a figura do capitalista que expropria o seu trabalho, mas tem a impressão de que sua existência é direcionada a:

uma instância *factual* que se manifesta pelo conta-gotas do institucionalizado: *coisas* organizadas como a família, a fábrica, o colégio, o banco, a universidade, a companhia, o exército, et. (mil *etc.*), e, obviamente, esta outra coisa contra a qual

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

ninguém pode nada, o Estado (NETTO, 1981, p. 84, grifo do autor).

Esse modo de pensar intrínseco ao capitalismo tardio mostra algumas aproximações que relacionam o funcionamento da escola com a lógica capitalista. Santiago (1997, p. 251) explicita que não é possível comparar o funcionamento de uma escola a de uma empresa pois ambas “[...] diferem tanto na forma (estrutura organizacional) como na essência (finalidades)”, já que a escola não produz mercadorias, mas sujeitos dotados de consciência.

Essa visão mercadológica foi difundida pelos defensores do capitalismo, identificados como neoliberais, Ludwig von Mises e Milton Friedman, os quais ganharam proeminência a partir da crise do petróleo em 1973. Mises, um dos nomes mais conhecidos por defender o capitalismo competitivo, foi economista e influenciador dos demais defensores do pensamento neoliberal, e defendia a concepção de que esse sistema era o único a proporcionar igualdade à população, pois as condições mínimas eram proporcionadas, bastava apenas a força de vontade de cada um para ser bem-sucedido.

Entretanto, nas relações do capitalismo tardio, que capta a subjetividade dos indivíduos em suas relações sociais, é bastante comum vermos uma transferência da lógica mercantil à educação, num processo de reprodução da ideologia da classe dominante que detém o poder do Estado (SANTIAGO, 1997).

Assim, o capitalismo não é entendido apenas como “[...] uma esfera econômica especializada e por modos de extração de excedentes”, ele deve ser caracterizado também “[...] por um Estado central com um caráter *público* sem precedentes.” (WOOD, 2003, p. 43, grifos do autor). Isto nos remete a ideia de que o capitalismo detém do controle sem precedentes da vida dos indivíduos, pertencentes à classe trabalhadora, mesmo fora do processo de produção. Nas palavras de Wood (2003, p. 46), “[...] remove muitas esferas da atividade pessoal e social do controle direto de classe, a vida humana é em geral atraída para uma órbita do processo de produção”.

Por fim, Netto (1981, p. 89) conclui que ao realizar uma análise acerca das questões que envolvem o capitalismo tardio, é preciso cautela, visto

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

que muitos estudiosos marxianos incorreram em erro ao realizar essa análise em seu tempo e outros elementos podem implicar uma reordenação dos parâmetros críticos com os quais a teoria tem enfrentado o mundo do capitalismo tardio.

Considerações finais

O presente estudo pretendeu compreender a influência das relações sociais sob o capitalismo para com uma educação fragmentada voltada à formação da classe trabalhadora.

Constatou-se que a escola reproduz, em sua estrutura, o modo de produção capitalista direcionando sua função social à formação de trabalhadores que atendam às exigências do capital, de modo que os estudantes sejam vistos como mercadorias a serem entregues ao mercado, destituindo-lhes do direito ao acesso ao saber elaborado historicamente. Assim, a educação é vista também como produto, disponível em sua integralidade, àqueles que podem pagar por elas, perpetuando, por meio do acesso ao saber, as desigualdades sociais.

Referências

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Tradução de Waltensir Dutra, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13. out. 2019.

MARTINS, Lígia Marcia. Da concepção de homem à concepção de psiquismo. *In*: MARTINS, Lígia Marcia. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano**. 2.ed Campinas: Autores Associados LTDA, 2015, p. 30-74.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: Feuerbach - a oposição entre as cosmovisões materialista e idealista**. 1.ed. São Paulo: Martin Claret, 2005.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro Primeiro: o processo de produção do capital. 34. ed. Tradução de Reginaldo Sant'Ana. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo e reificação**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

RISSI, Lorena Mariane Santos. **Neoliberalismo e a Política Educacional**: De Collor, FHC ao Governo Lula. 2017. 72p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

SANCHEZ VAZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. 1. ed. Tradução por Luis Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SANTIAGO, Carlos. Para a crítica da “qualidade total” no ensino. In: SECCO, Lincoln; SANTIAGO, Carlos. **Um olhar que persiste**: ensaios críticos sobre o Capitalismo e o Socialismo. Ed. Anita Garibaldi: São Paulo, p. 243- 252, 1997.

SAVIANI, Dermeval. A filosofia na formação do educador. In: **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas : Autores Associados, 1973. p. 17–30.

SOUSA, José Vieira de. Método materialista histórico-dialético e pesquisa em políticas educacionais. In: **O método dialético na pesquisa em educação**. Autores Associados, São Paulo, 2014.

WOOD, Ellen Meiksins. **O que é (anti)capitalismo**. Revista Crítica Marxista, n. 17, Editora Revan, p. 37-50, 2003.